

CAPÍTULO 9

ENTRE BIOGRAFEMAS E FIGURAÇÕES: EGAS MONIZ PELA PENA DE DOIS AUTORES – O EXERCÍCIO DO PODER BIOGRÁFICO

Manuel Correia

INTRODUÇÃO

Na sociedade de indivíduos, o exame de um deles, em particular, torna-se num território de disputa de recursos simbólicos, marcações, afirmações de pertença, aproximações e afastamentos, em que biógrafos e biografados tentam recompor uma narrativa geral que os favoreça, individual ou coletivamente, pessoal ou institucionalmente.

Partindo das reflexões avançadas a este propósito por Claude-Lévi Strauss, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Idalina Conde, analisamos duas biografias de Egas Moniz, Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina de 1949, escritas uma por Barahona Fernandes (1983), e outra por João Lobo Antunes (2010).

A figura de Egas Moniz constitui neste caso um exemplo fértil dos tipos de disputas referidos, dada a pluralidade de papeis desempenhados, as controvérsias que suscitou e o reconhecimento internacional dos pares. As tensões por e contra a figura e obra desenham parte importante do contexto em que o biografado e os seus biógrafos se articulam.

O que está implicado no gesto biografante e a importância que as biografias têm para a avaliação da história dos processos sociais,

culturais, políticos e científicos será, pois, o objeto principal deste capítulo.

1. ENTRE BIOGRAFEMAS E FIGURAÇÕES

Antônio Caetano de Abreu Freira Egas Moniz (1874-1955), conhecido como Egas Moniz, foi um político e cientista português, médico neurologista, premiado em 1949 com o Nobel da Fisiologia ou Medicina, *ex aequo* com o neuro-fisiologista suíço Rudolph Hess.

O conjunto de referências teóricas aludidas, certamente familiar aos interessados nas problemáticas da auto/biografia, tem como denominador comum a exigência crítica que consiste em apontar as fragilidades, limites e inconsistências do gênero e dos métodos que têm sido trabalhados na sua produção.

Nesta conformidade, torna-se particularmente interessante verificar que ao crescendo no grau de exigência crítica corresponda agora também uma autêntica corrida à prática e ao estudo do tema.

Para o melhor e para o pior, o gesto biográfico assemelha-se àquilo que hoje em dia fazemos com os nossos *smartphones* quando tiramos uma *selfie*: biógrafo e biografado lado a lado para a posteridade ou para a brevidade de uma volta nas redes sociais. Uma espécie de contrato de verosimilhança entre biógrafo e biografado. Um encontro possível ou impossível entre duas entidades.

E pode o biografado exercer alguma influência sobre o gesto biográfico? Sabe-se que sim. Em grande parte, Egas Moniz exerceu (e continua a exercer) esse poder, delimitando o que considerava congruente, desvalorizando ou omitindo *biografemas* (o político, o maçom, o duelista, o empresário). Deu indicações muito concretas a esse respeito no volume das *Confidências de um investigador científico*; nas entrevistas que concedeu; noutros escritos de caráter autobiográfico; e no seu testamento.

O uso frequente do conceito de biografema aconselha que recordemos a sua origem (Barthes 1971, 12), dado como uma unidade biográfica elementar, na base da qual se compõe uma biografia. Tal como na linguística estrutural se atribui a designação de fonema à menor unidade fonética articulável, a biografia pode ser reduzida a tantos biografemas quantas as unidades de sentido que nela se possam

descortinar. O exercício básico que daí decorre consiste em verificar em qualquer biografia quais os biografemas selecionados e quais os excluídos. No caso de Egas Moniz apresentámos já uma aplicação do conceito relativamente a um conjunto de biografias (Correia 2013, 152).

Diversamente, os seus biógrafos, respeitando, pelo menos em parte, esse termo do contrato implícito, impõem algumas condições que relevam também do exercício do poder biográfico.

Porque biografar é também litigar com o biografado, desafiando-o, denunciando-o, ajustando contas com ele e, eventualmente, com outros dos seus biógrafos.

Podemos assim olhar as biografias como territórios de disputa em que os biógrafos acertam contas, sublinham familiaridades, pertenças comuns, e traçam fronteiras relativamente às suas realizações mais conhecidas. As biografias não se resumem a isso, mas, como já foi demonstrado, são muito disso também.

2. EGAS MONIZ A DUAS MÃOS

Nos dois casos que me proponho analisar – *Egas Moniz: pioneiro dos descobrimentos médicos* (Fernandes 1983), e *Egas Moniz: uma biografia* (Antunes 2010) –, é fácil constatar que autobiografia e biografia se complementam em dois planos sobrepostos.

Por um lado, a obra de Egas Moniz, *Confidências de um investigador científico* (Moniz 1949), é profusamente utilizada na confeção do histórico, ilustrando a ideia de contrato ou pacto entre biógrafos e biografados, que tem sido sistematizada na teoria da biografia. Moniz entendeu fixar uma versão forte dos seus biografemas associados à carreira científica e, a partir daí, boa parte dos seus biógrafos reproduz temas e cronologias praticamente sem questionamento do dito e do não dito.



Figura 38: Henrique João de Barahona Fernandes (1907-1992). Montagem com o seu livro *Egas Moniz, Pioneiro dos descobrimentos médicos*, de 1983.

Por outro lado, com diferentes graus de envolvimento em relação à atividade de Egas Moniz, os dois autores mencionados associam-se à obra do biografado, valorizando os aspetos que consideram positivos, ou demarcando-se dela, apontando debilidades e insuficiências de que se querem dissociar. Todavia, o núcleo de biografemas selecionado pelo biografado mantém-se inalterado.

Barahona Fernandes, muito próximo de Egas Moniz, diz resistir teoricamente ao neuronismo exacerbado do mestre, mas vai-lhe cedendo sempre; João Lobo Antunes empreende aproximações vivenciadas por procuração do seu pai (João Alfredo Lobo Antunes) e do seu tio avô (Almeida Lima), distanciando-se, no entanto, de alguns dos pontos de vista abraçados por Barahona Fernandes.

Ambos pretendem dar uma visão geral do percurso de vida de Egas Moniz, dos momentos rituais considerados mais significativos, e ambos acabam por sucumbir à centralidade da carreira científica e ao fetichismo de Prémio Nobel que Moniz partilhou com Hess em 1949.

O poder de influenciar decisivamente a sua história de vida, no seu tempo, persuadindo os vindouros a seguir os mesmos passos que

considerou mais significativos, ilustra precisamente aquilo a que chamamos *poder biográfico*.

João Lobo Antunes estava consciente da influência avassaladora dos escritos autobiográficos de Egas Moniz. Reflete sobre as omissões e emite um juízo sobre o conjunto de escritos acerca de Moniz publicados anteriormente. Socorre-se da metáfora do puzzle, dedicando-se a reconstituir “o puzzle fascinante da sua vida, a que fatalmente irá sempre faltar peças” (Antunes 2010, 22).

O toque de admiração que Barahona Fernandes coloca no título do seu livro de 1983 — *Pioneiro dos descobrimentos médicos* —, regista-o João Lobo Antunes sob outra forma no final da sua introdução: “Egas Moniz quis tudo e quase sempre o conseguiu” (Antunes 2010, 23). Perpassa na escrita dos biógrafos essa veneração que deixa escapar aqui e acolá o tique panegírico.

Quanto à questão eminentemente controversa, aquela que mais pesa no legado científico de Egas Moniz — a Psicocirurgia —, a abordagem dos dois biógrafos segue rotas distintas. Barahona Fernandes confessa as suas reservas no início: a sua proximidade ao mestre, a sua avaliação dos resultados da leucotomia pré-frontal, e a teorização que elaborou acerca das alterações da personalidade detetadas nos pacientes operados (sintonização regressiva).

É neste registo que Barahona Fernandes, neuropsiquiatra, adverte os seus leitores enquanto biógrafo. Esteve, de facto, intimamente envolvido na prática da psicocirurgia, mas quis evidenciar o seu pensamento próprio, demarcando-se de um certo primarismo conceptual de Egas Moniz, a começar pela própria designação (Fernandes preferia Cirurgia Psiquiátrica a Psicocirurgia, e achava o termo Psicocirurgia inadequado), terminando no entendimento das alterações específicas provocadas pela leucotomia, que teriam escapado ao próprio Egas Moniz. Isto é: o enaltecimento do mestre não dispensa o autoelogio em causa própria, que não passou despercebido ao outro biógrafo de Egas Moniz, de que aqui nos ocupamos.

Logo em 1950 divisámos nas ideias de Egas Moniz um certo teor “gestaltista” (por considerar não as localizações cerebrais, mas os conjuntos e a sua interação), o que era contrário ao seu neuronismo associacionista. As modernas teorias da interação cibernéticas e dos sistemas desenvolvem-se nessas linhas (Fernandes 1983).

João Lobo Antunes, no estado da arte que insere na introdução ao seu *Egas Moniz: uma biografia*, diz que Barahona Fernandes, na sua

obra fala mais de psiquiatria e dele próprio que do biografado, pois está abundantemente impregnado das ideias do autor sobre as doenças mentais e a interpretação dos resultados da leucotomia (Antunes 2010), chamando assim a atenção para a circunstância do biógrafo habitar forçosamente a narrativa em que as aproximações e distanciamentos do biografado são, não apenas difíceis de disfarçar, mas constituintes flagrantes da motivação central do gesto biográfico.

Em contraste com Barahona Fernandes, João Lobo Antunes evidencia o contributo de Egas Moniz para a afirmação da neurocirurgia como especialidade autónoma e o papel que o seu tio, Almeida Lima, desempenhou nesse processo. Relativamente à psicocirurgia, emite um juízo sintético:

Quanto à psicocirurgia, para uma comissão de ética actual que eventualmente a julgasse, seria certamente uma decisão muito difícil. Note-se, em abono da verdade histórica, que em relação à questão do consentimento informado aplicada a estes dois procedimentos reinava na altura um paternalismo absoluto, uma espécie de despotismo clínico esclarecido, mas mesmo assim Egas revelou prudência e tacto. Mais tarde, porém, quando se perceberam os riscos envolvidos na psicocirurgia, particularmente pelas alterações irreversíveis da personalidade, a questão passou a ser considerada com outra reserva. (Antunes 2010, 324)

Utilizando deliberadamente um exemplo anacrónico – julgamento da leucotomia por uma comissão de ética *actual* – João Lobo Antunes caracteriza o contexto das relações médico-doente, da época em que surgiu a psicocirurgia, com o epíteto de “despotismo clínico esclarecido.” Neste jogo de anacronismo controlado (Loraux 1993; Whanich 2005), o autor distancia-se da galáxia da psicocirurgia e dos postulados éticos que então vigoravam, dando a entender que o aspeto eminentemente significativo da psicocirurgia poderia residir mais nas questões que suscitou do que nos problemas que resolveu:

De certo modo, a psicocirurgia teve o mérito de suscitar uma reflexão académica, filosófica e moral que hoje se estende a muitos outros domínios das neurociências. (Antunes 2010, 324)

Enquanto para Barahona Fernandes a psicocirurgia foi uma empresa coordenada pela intuição de um pioneiro dos descobrimentos médicos, chamado Egas Moniz, que ele mesmo, Barahona Fernandes, enriqueceu com um saber psiquiátrico mais avançado que o do próprio mestre, para João Lobo Antunes, aquele gesto cirúrgico consistiu numa série de apropriações das tentativas operatórias de Egas, que ficou para a história sobretudo como uma problemática ética desafiadora. Em conformidade, na sua biografia, Barahona Fernandes reclama para Moniz um lugar no

friso dos pioneiros, enquanto João Lobo Antunes faz justiça a seu pai, João Alfredo Lobo Antunes, membro da equipa de Egas Moniz, mas sobretudo a seu tio, Almeida Lima, frequentemente relegado para segundo plano na sombra do ego devorador do mestre.



Figura 39: João Lobo Antunes (1944-2016). Montagem com o seu livro *Egas Moniz: uma biografia*, de 2010.

São, porém, estas disputas e desacertos que permitem pôr a descoberto algumas das fragilidades do método, assinalando, de entre elas, dois tópicos que atravessam a teoria da biografia no debate permanente acerca da contaminação autobiografia/biografia e de ser ou não possível estabelecer uma distinção clara entre uma e outra. Do mesmo modo, no capítulo daquilo a que poderíamos chamar biografia científica, emergem tensões e recriminações entre figuras omitidas ou não suficientemente valorizadas, prestigiando uns, deixando na sombra outros.

Quanto ao primeiro tópico – o da dificuldade em distinguir a autobiografia da biografia –, parece evidente que Barahona Fernandes e João Lobo Antunes falam das suas vidas, dos seus pensamentos a propósito das narrativas em que o ponto de partida parece ser a história de vida de Egas Moniz. Cruzam-se, assim, duplamente, autobiografias e biografias. Primeiro, porque os escritos autobiográficos de Moniz são

utilizados como prova histórica, e, depois, porque o investimento de cada um dos biógrafos excede o falar acerca do biografado, fazendo frequentes incursões nas suas próprias autobiografias. De qualquer maneira, um comentário, uma reflexão, uma observação breve ou extensa de qualquer dos biógrafos revelará sempre a tinta da autobiografia.

Porém, mesmo se se considerar esses cruzamentos auto/biográficos como uma fragilidade do método, sobra sempre a sua importância para a análise histórica, documentando posturas, inclinações e sensibilidades.

No caso vertente, estas duas biografias constituem o prolongamento da controvérsia sobre a psicocirurgia, acrescentando-lhe dois testemunhos qualificados.

Quanto ao segundo tópico – o do prestígio de uns em detrimento de outros –, os relatos e avaliações inseridos nas biografias remetem para o carácter coletivo do trabalho científico, como aliás de todo o trabalho intelectual. Egas Moniz capitalizou prestígio científico, mas os projetos de investigação só progrediram na medida em que os maiores obstáculos experimentais foram superados graças à criatividade e engenho de muitos cujas identidades ficaram na sombra.



Figura 40: Curso de Ciências do Sistema Nervoso, Hospital Júlio de Matos, 1986. Sessão consagrada à Psicocirurgia.

Legenda: Da esquerda para a direita: Martin Rodriguez, Maria Clementina, João Lobo Antunes, Barahona Fernandes, Pedro Polónio, e Hasse Ferreira.

Para o lento progresso da angiografia cerebral foram fulcrais as intervenções dos neurocirurgiões, a começar por Almeida Lima, dos radiologistas, e entre eles Pereira Caldas, que dotou o método de uma inovação crucial – o carrocel radiológico – e dos anatomistas, de que se destaca a invenção da pinça de Martins. Um sem fim de melhorias incrementais, aperfeiçoamentos e reformulações que contribuíram decisivamente para o triunfo da nova técnica de diagnóstico que resultou da invenção de Moniz.

As sucessivas apropriações ao longo de redes de contacto, as correções, replicações e críticas fornecem um padrão de conhecimento, que se ignora ao ajustar o foco narrativo no modelo biográfico, em que a intuição genial de Egas Moniz ocupa toda a cena informativa, iluminando o indivíduo e esquecendo a complexidade do processo de interações e massa crítica, que ditam o sucesso, no caso da Angiografia Cerebral, ou a ambiguidade polémica, no caso da Leucotomia Pré-frontal, na viagem do laboratório para a aplicação clínica generalizada.

CONCLUSÃO – O BIOGRAFADO ENQUANTO BIÓGRAFO

Se quiséssemos saber o que o Egas Moniz biografado pensava acerca da auto/biografia, poderíamos cruzar os textos em que falou de si próprio com aqueles dedicados a outras gentes por quem nutria algum tipo de simpatia.

Em traços gerais, Moniz investe bastante, autobiograficamente falando, nas *Confidências de um investigador científico* (1949), *A Nossa Casa* (1950) e na *Última lição* (1944).

O apagamento ou a desvalorização dos biografemas, relacionados com a política e as atividades empresariais, é evidente. O investigador científico esforçado, vencedor de obstáculos e, por fim, nobelizado, ocupa sempre o primeiro plano da narrativa. Não é necessário forçar a leitura para concluir que era esse o feito principal pelo qual gostaria de ser recordado. O conteúdo do seu testamento, na parte consagrada à transformação da Casa do Marinheiro em Casa Museu, veio aliás confirmá-lo. Deixou, portanto, nos textos publicados e fora deles, um conjunto de inscrições concordantes, apontando para a primazia que o cientista deveria ter no modo como deveria ser recordado.